



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO EM O RETRATO DE DORIAN GRAY

Aline Silvério de Freitas¹

Karina Luíza de Freitas Assunção²

Resumo: Para o presente trabalho tomaremos como *corpus* fragmentos do romance inglês *O retrato de Dorian Gray* 1988. Dorian Gray é analisado neste trabalho a partir dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso francesa e nos estudos realizados por Michel Foucault. Para a AD é de suma importância a compreensão do sujeito que não é considerado como um ser dado a priori. Sua subjetividade é constituída por um cruzamento de diferentes discursos que trazem em seu interior marcas que apontam para a historicidade que permeia sua produção. A história não é analisada cronologicamente, mas apenas como fragmentos de acontecimentos, observando as lacunas que geralmente ficam silenciadas. Dessa forma, podemos concluir que Gray tem sua subjetividade fundamentada na transgressão, pois ele se distancia dos padrões historicamente aceitáveis para a sociedade da época.

Palavras-chave: Discurso; sujeito; transgressão.

Abstract: In this work, we will use some fragments of the British novel *The Picture of Dorian Gray* 1988. Dorian Gray is analyzed from Discourse Analysis theoretical assumptions and from Michael Foucault studies. To DA is very important to understand that subject is not a finished being a priori. Its subjectivity is built by crossing different discourses that bring in their internal, traces that point out to the historicity that guides their production. The history is not chronologically analyzed, but is analyzed by fragments of events, observing the gaps that are normally silenced. Thus, we can conclude that Gray has his subjectivity based on transgression, because he distances himself from standards historically accepted by that society.

Keywords: Discourse; subject; transgression.

¹ Possui graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade Federal de Goiás (2014). Mestranda em Estudos da Linguagem - Análise do Discurso na Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística - Regional Catalão-UFG.

² Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Professora Colaboradora do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão e professora da Universidade do Estado de Minas Gerais-UEMG/Frutal



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Introdução: informações gerais

Para o presente artigo analisaremos fragmentos do romance *O retrato de Dorian Gray* (1988), de Oscar Wilde, visto que para análise utilizaremos o recorte sociedade e desigualdades sociais, relações de poder e construção do sujeito Dorian Gray.

Ao considerarmos as condições de produção do discurso literário de *O retrato de Dorian Gray* (1998), de Oscar Wilde, focaremos um olhar analítico sobre a construção do sujeito considerando a história e a produção de sentidos que emergem desse sujeito discursivo. Ao analisar a construção do sujeito, consideramos que as condições de produção do discurso literário fundamentam os posicionamentos e dizeres do sujeito-personagem.

Dorian Gray é passivo de análise neste trabalho a partir dos pressupostos da Análise do Discurso francesa, pois para a Análise do Discurso (doravante AD), o sujeito é constituído de várias vozes. Para Foucault (1967) o sujeito é descentrado, múltiplo e heterogêneo, o sujeito não é uma unidade fechada que gira em torno de si, ao pensar em sujeito há a morte da individualidade, assim faz-se necessário pensar em sujeito e não indivíduo. Vale lembrar que o sujeito-personagem Dorian Gray faz parte de uma exterioridade conservadora do século XIX, guiada pelos dogmas da Igreja Católica, sendo assim, é através da instância do sujeito que é produzida por uma exterioridade que permite que a dispersão se dê.

Desigualdades sociais da época vitoriana e A construção do sujeito em o *Retrato de Dorian Gray*

Segundo a revista *Cult* (2000, p. 53) *O retrato de Dorian Gray* (1988) foi ao único romance escrito pelo escritor irlandês, Oscar Wilde, 1988. Assim, Wilde fez parte da sociedade vitoriana do século XIX é vista pelo comportamento polido e manutenção de regras e dogmas impostos, principalmente pela Igreja, segundo a revista *História Viva* (2006, p.53) “[...] ‘vitoriano’ [é] associado, como hoje, a padrões de comportamento rígidos, conservadores, puritanos – um moralismo ostensivo ao qual não falta uma dose de hipocrisia.”. Portanto, a escrita de Wilde e seu comportamento libertino eram o oposto do que a sociedade em que esse sujeito insere-se.

A Inglaterra prenominava com seus dogmas e preceitos machistas, onde o sujeito era visto como “mandachuva” de seu lar e era tido como melhor que a mulher socialmente, profissionalmente e intelectualmente, ou seja, o homem heterossexual era o modelo a ser



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

seguido e gozava de seus direitos, influências e benefícios durante esta época. Porém, Wilde foi um sujeito transgressor que ia contra o que a sociedade impunha, e se revolucionava na sua forma de escrever e no seu comportamento, se posicionou contra esta época, mesmo que isto custasse a sua vida, pois a Igreja unia os que não se encaixassem nesse perfeito modelo, porém, não é de nosso interesse analisar o autor, pois para Foucault (2001, p. 276)

Chegar-se-ia finalmente a idéia de que o nome do autor não passa, como o nome próprio, do interior de um discurso ao indivíduo real e exterior que o produziu, mas que ele corre, de qualquer maneira, aos limites dos textos, que ele os recorta, segue suas arestas, manifesta o modo de ser ou, pelo menos, que ele o caracteriza. Ele manifesta a ocorrência de um certo conjunto de discurso, e refere-se ao status desse discurso no interior de uma sociedade e de uma cultura. O nome do autor não está localizado no estado civil dos homens, não está localizado na ficção da obra, mas na ruptura que instaura um certo grupo de discursos e seu modo singular de ser.

Sendo assim não pretendemos analisar Oscar Wilde, mas sim o sujeito discursivo Dorian Gray presente no romance escrito por Wilde.

Ao pensarmos sobre a sociedade, a historicidade, memória, sujeito e suas práticas ideológicas, nos deparamos com conceitos sócios históricos construídos a partir da nossa vivência em sociedade que nos constituiu, constitui e constituirá como sujeito. É através do discurso que tais práticas ideológicas fazem sentido.

Há vários aspectos no romance que denunciam desigualdades sociais, assim como relações homo afetivas que não eram permitidas na época e nem mesmo se pensava em diversidade sexual, desigualdade de gênero, onde a figura masculina se sobrepunha sobre a feminina, estratificação social com o desenvolvimento do capitalismo. Ao se pensar Foucault (2014) dá-se lugar a história nova, onde a história tradicional que preocupa com as ordens cronológicas dos acontecimentos não é citada. Dentro dos acontecimentos da história tradicional buscou-se pensar em uma história vista de baixo, que leva em conta as micro histórias, o que seria a história nova. Para Albuquerque Junior existe “[...] a necessidade de mudar a visada, de redirecionar o olhar do grandioso, do heroico, do famoso [...], para o ínfimo, para o menos, para o abandonado, para o traste, para o infame, para o cisco” (2007, p. 86).

Ao considerarmos os sentidos emergidos do discurso literário, visto que a época da sociedade retratada na obra reflete na construção do sujeito-personagem Dorian Gray. Visto



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

que o sujeito-discursivo Dorian Gray enuncia de um determinado lugar e este lugar possibilita as várias relações e condições de produção onde “a tensão entre o eu e o outro é considerada não no espaço em que se relacionam sujeitos individuais, mas no espaço de uma relação mais ampla, baseada na noção de “dispersão do sujeito”, como a formulou Foucault,” (FISCHER, 1999, p. 55). De modo que o sujeito social e histórico se constitui através da sua interação com o outro e do lugar que ocupa, podemos pensar na noção de sentidos produzidos a partir deste discurso literário, construídos pela/na linguagem.

Dorian Gray, jovem galante de pouca idade, inocente e fruto de amor impossível, mãe de classe alta e pai burguês, perdeu a mãe quando bem jovem e foi morar com o avô, todos que o conheciam ficavam fascinados com a sua beleza, certa vez conheceu Basil, um artista que lhe fez um retrato, Basil por sua vez ficou encantando com o retrato, podemos até dizer que se apaixonou pelo mesmo. Através de Basil, Dorian gay conheceu Lord Harry, um perfeito *gentleman* que reflete a figura masculina londrina da época, Lord Harry era amigo de Basil, Dorian Gray com sua beleza exaltante despertou tamanha curiosidade em Lord Harry, que este quis conhecer aquele imediatamente, começara assim a decadência de Dorian Gray, pela influência de Harry, pois o “outro” é que dá condições para que o sujeito se enxergue a partir de si mesmo.

Neste *corpus* há várias vozes de sujeitos que se relacionam e que se posicionam contra a sociedade, ao pensarmos no elemento homoerótico, podemos analisar o sujeito-discursivo Basil que entendemos que este sente uma atração muito forte, quase que inabalável para com Dorian Gray, há vários fragmentos que denunciam este aspecto, como por exemplo, “[...] pela primeira vez avistei Dorian Gray. Quando nossos olhares entrecruzaram [...] em presença de um ser de tão grande encanto pessoal que, se eu cedesse à fascinação, todos os meus sentidos, o meu coração, até a minha arte, tudo ficaria subjugado” (WILDE, 1988, p.13) ou em, “Dorian é para mim simplesmente um motivo artístico [...] eu descobro nele um mundo. [...] É tudo.” (WILDE, 1988, p.18); e em: “Enquanto for vivo, permanecerei submisso aos encantos de Dorian Gray.” (WILDE, 1988, p.20).

Nestes fragmentos, através dos enunciados propostos pelo sujeito-personagem Basil, relatamos um posicionamento discursivo transgressor ao seu tempo, que onde discutimos a questão da diversidade sexual, vimos que sujeitos são intrínsecos a memória, história e



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

subjetividade, sendo assim há a possibilidade de dispersão de enunciados. Assim enunciados fazem partes de discursos que vão e voltam, em determinado lugar época, condição social e é através da linguagem não estanque que os sujeitos, produzem enunciados que ecoam sentidos.

[...] precisamos considerar os elementos que têm existência no social, as ideologias, a História. Com isso, podemos afirmar que os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações, acompanham as transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana. (FERNANDES, 2005, p. 22).

Como foi citado acima, há desigualdade de gênero no romance e enunciados de cunho machista, o sujeito-personagem Lorde Harry é um exemplo perfeito do que a sociedade vitoriana pregava, provedor macho, de alta costura e que desvaloriza a papel social da figura feminina, “nunca sei onde está minha mulher e minha mulher jamais sabe aquilo que faço.” (WILDE, 1988, p. 11); “as mulheres são [...] muito mais práticas do que nós [...] esquecemos muitas vezes de falar de casamento; mas elas se encarregam de nos fazer pensar nisso” (WILDE, 1988, p. 96); “uma mulher só tem um meio de reformar um home: aborrecê-lo de tal ponto que a vida perca para ele o seu encanto.” (WILDE, 1988, p.123).

Lorde Harry representa um posicionamento altamente machista em que a mulher é um ser intelectualmente inferior e de função apenas para satisfazer o marido e relação ao prazer e para se reproduzir, seus enunciados refletem o que a sociedade pregava como modelo, como figura masculina.

Uma vez que o sujeito está inserido em uma sociedade, seus dizeres, suas ideologias, ecoam sentidos dispersos pelos enunciados, que são constituídos pela história, que para a AD não é linear, para Foucault *apud* Barbosa (2004, p.100) “a noção de descontinuidade figura como um conceito operatório com o qual [...] a história capaz de colocar em ação um ‘estruturalismo historicizado’ por não estar fechada em torno de um centro, mas sim definida como espaço de uma dispersão”.

Para Albuquerque Júnior (2007, p. 89) “o mundo é fluído, que todas as formas e todos os seres se comunicam e podem se metamorfosear em outros”. Em relação ao sujeito-personagem Dorian Gray, podemos analisar as suas mudanças a partir do momento que se descobre como sujeito capaz de produzir voz e ter vez na sociedade, fatores como sua beleza,



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

sua herança recebida de seu avô, as influências de Lorde Harry e os enunciados que exaltavam sua beleza que os outros diziam, fizeram Dorian se encontrar na sociedade, este sofreu várias mudanças atrás do romance para antes Dorian não se reconhecia como parte que faz diferença na sociedade, porém, depois de sua relação com o outro e com a sociedade de uma forma geral, Dorian vai de encontro ao seu declínio, pois na medida em que foi se afogando contra o que a sociedade pregava, mais Dorian se distanciava de se mesmo, há uma contradição, pois este como sujeito em constante mudança se encontrou socialmente falando, porém, depois das influências externas se libertou da sociedade impondo tudo que queria fazer, se rendendo aos pecados, luxúria, crimes, drogas, ou seja, totalmente contra o que a sociedade pregava como modelo.

O discurso se realiza em forma de linguagem não estanque, carregada de ideologia, a partir da produção de dizeres enunciados por sujeitos que possuem determinados lugares sociais (status de sujeito falante, de acordo com Maingueneau [2006]). Assim sendo, a linguagem pensada aqui enquanto discurso se mostra em movimento, de modo dinâmico, e produz determinados sentidos relativos a quem enuncia, ou seja, a quem concretiza esta prática. Isto se dá a partir da vivência do sujeito, de sua história, de sua condição social e de sua ideologia formada a partir do seu percurso de vida, sempre em relação ao outro.

As relações de poder e a constituição do sujeito Dorian Gray

Dorian se apresenta como sujeito do desejo, este exerce o seu poder a partir do momento em que se descobre como sujeito “pela primeira vez, reconhecesse a si mesmo” (WILDE, 1988, p. 35), sujeito este que tem vez e voz e que pode persuadir o outro, iludir e até matar. Segundo Foucault, (1984), apud, Fischer (1999, p. 55) “há dois sentidos da palavra ‘sujeito’: sujeito submetido ao outro [...] e sujeito preso à sua própria identidade [...]. Em ambos os casos, essa palavra sugere uma forma de poder que subjuga e assujeita”. Quando

Temos em vista que o pivô da construção de Dorian e o seu descobrimento como chave de persuasão do outro, foi Lord Harry, para ele “todos os desejos que tentamos abafar, dormitam em nosso espírito e nos envenenam.” (WILDE, 1988, p. 27). Percebemos na obra a relação explícita de poder para, tal como de Harry sobre Dorian, pois este é influenciado a todo o momento por aquele a não reprimir os seus desejos “porque influenciar alguém é



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

entregar-lhe a própria alma. Todo aquele que é influenciado deixa de agitar os seus pensamentos, não mais queima as próprias paixões.” (WILDE, 1988, p. 26) e na relação de poder da sociedade para com Basil, ele tenta a todo custo esconder o seus desejos, e podemos dizer até atração homo afetiva com Dorian “A razão que me leva a não expor esse retrato é o receio de nele haver traído o segredo da minha alma.” (WILDE, 1988, p. 12), pelo temor a sociedade e a Igreja; e de Dorian Gray sobre todos os que ficavam encantados com sua beleza física.

Constatamos a relação de poder exercida entre sujeitos, visto que nas relações humanas

[...] o poder está sempre presente há relações de poder em todas as relações entre sujeitos. O poder, nessa acepção, é focalizado em micro instâncias, é um exercício integrante do cotidiano e consiste em formas de luta com a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão. Logo o poder implica e/ou requer a resistência. (FERNANDES, 2005, p. 56)

Sendo assim, a partir das relações entre sujeito, do lugar que este fala e de uma dada construção histórica, os sujeitos fazem parte de uma sociedade e estão a todo o momento produzindo discursos, encontramos assim, a relação de poder entre sujeitos para Foucault

O exercício de poder [...] é um modo de ação de alguns sobre os outros [...] só há poder exercido por ‘uns’ sobre os ‘outros’; o poder só existe em ato [...] O exercício do poder [...] é um conjunto de ações sobre ações possíveis, ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos (1995, 242-243).

Segundo Freitas (2014, p.86)

ao analisar o sujeito-personagem Dorian Gray pensando em sua constituição no discurso literário, torna-se necessário abranger seu caráter sócio histórico, uma vez que o sujeito produz sentidos a partir de seus dizeres e na relação com o outro, também sujeito social e histórico, construído na e pela linguagem, pelo olhar do outro sujeito.

Levaremos em consideração a historicidade de Gray, pois todo sujeito possui memória discursiva, tudo que está intrínseco ao sujeito faz parte da sua constituição. O sujeito é constituído de uma rede de inter-relações que são latentes ou se modificam a partir do lugar que o sujeito se inscreve e suas ideologias “nossas mentes não refletem diretamente a



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

realidade. Só percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra.” (BURKE, 1992, p. 15)

Lord Harry, por sua vez, quando abre um leque enunciados de cunho machista tais como: “Não há em Londres cinco mulheres cuja conversação seja desejável.” (WILD, 1988, p. 62); “Não há gênios femininos, meu caro. As mulheres formam um sexo puramente decorativo. Nunca têm nada a dizer [...] a mulher representa o triunfo da matéria sobre o espírito, como o homem representa o triunfo do espírito sobre a moral.” (WILDE, 1988, p. 62), ele indica um posicionamento social predominante na época vitoriana. “O lugar histórico-social em que os sujeitos enunciadore de determinado discurso se encontram envolve o contexto e a situação e intervém a título de condições de produção do discurso.” (FERNANDES, 2005, p. 27).

Podemos analisar a dispersão do sujeito em Lord Harry, Dorian Gray primeira versão e segunda versão (antes e após do reconhecimento de si e de seu posicionamento discursivo) e Basil, todos estes sujeitos-personagens apresentam características que se dispersam a partir de uma dado lugar que produzem o discurso, assim há as “diversas posições de subjetividade fazendo surgir o sujeito do discurso como uma dispersão.” (BARBOSA, 2004, p. 113)

Como já foi dito acima, Dorian Gray exercia fascínio sobre todos, principalmente sobre Sybil Vane, jovem atriz, linda que conquistou Dorian com os vários papéis que interpretava no teatro da cidade, Dorian por sua vez, não se apaixonou por Vane, mas sim pelos papéis que esta interpretava. Lord Harry influenciava Dorian a aproveitar a vida, visto que, para isso seria necessário o uso de drogas, tal como o ópio e também a se render a luxúria, e etc. Harry, conseguiu convencer Dorian às vésperas de seu casamento com Vane, que o certo seria não se casar, Vane desolada decide se matar.

O que mais nos chama a atenção nesta parte do romance é como Vane ao se render ao poder de Dorian, decide se matar, aqui vemos o jogo discursivo de poder exercido por Harry para com Dorian e Dorian para com Vane, ou seja, há uma relação de imposição de ideologias que perpassam a construção da identidade de cada sujeito.

Dorian Gray, motivado pelos ensinamentos de Harry e completamente cego diante de suas ações, este não consegue sentir tristeza pelo que acabara de acontecer “Por que não me sinto enternecido com esta tragédia [...]? [...] Nada tenho de um monstro dessa natureza [...] E,



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

todavia [...] esta catástrofe não me comove tanto quanto queria.” (WILDE, 1988, p. 124). Segundo Ariès (1977, p. 43) “naturalmente, a expressão da dor dos sobreviventes é devida a sua intolerância nova com a separação. [...]. A simples idéia de morte comove”, porém, o sujeito discursivo Dorian, aparece completamente modificado devido aos enfrentamentos citados até agora, por isso este não consegue se comover com a morte de Sybil Vane. Para Foucault *apud* Barbosa (2004, p. 113) “não é qualquer sujeito que pode sustentar um discurso. É preciso, [...] que lhe seja reconhecido o direito de falar, que fale de um determinado lugar reconhecido pelas instituições, que possua um estatuto tal para proferir discursos.” Deste modo, o sujeito discursivo Dorian Gray fala de outro lugar, suas ideologias e a regularidade discursiva já não são as mesmas, pois este fala de outro lugar, ou seja, a morte, principalmente de uma pessoa conhecida, já não é tão anormal para ele.

Tendo em vista a indagação de Basil “Dorian [...] você está completamente mudado. Na aparência, você permanece o adorável adolescente [...] você era simples, natural, afetuoso. [...]. Agora, [...] você fala como se não tivesse coração, nem piedade.” (WILDE, 1988, p. 134-135.), percebemos a transfiguração de Dorian, devido as suas ações, seus conceitos e sua relação com o “outro” e com a morte.

Dorian Gray mergulhado no pecado, tendo em vista que, pecado seria o oposto do que o discurso religioso prega, de acordo com Pêcheux (1997, p. 33), “o sujeito pragmático – isto é, cada um de nós, ou “simples particulares” face às diversas urgências de sua vida – tem por si mesmo uma imperiosa necessidade de homogeneidade lógica [...] (eu decido fazer isto e não aquilo, de responder a X e não a Y, etc.) [...]”. Dorian decidiu não seguir os dogmas da sociedade e da igreja, movido talvez pelo poder exercido por Harry, ou pela sua relação com a morte desde quando nasceu, se rendendo às consequências de sua escolha: “Sentia confusamente agir em si influências inteiramente novas, mas que pensava ele, encarnavam, entretanto, unicamente dele mesmo.” (WILDE, 1988, p. 28).

Quando Basil Hallward pede para que Dorian reze com ele, o mesmo diz que “Essas palavras não têm sentido para mim.” (WILDE, 1988, p.192), ou seja, o que a igreja pregava e o temor a Deus que a sociedade impunha, não faz efeito ao levar em conta o lugar discursivo em que Dorian pertence neste momento.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

As modificações do sujeito discursivo Dorian Gray, ocorreram de forma tão acentuada, que este não mediu esforços para matar o que antes era tido como seu amigo, Basil Hallward, movido pela vontade de ver o retrato, Basil implora para que Dorian Gray o deixe a pintura, porém, “Dorian saltou sobre ele e enterrou-lhe a faca na grande artéria que passa atrás da orelha, esmagando de encontro à mesa a cabeça do infeliz e desferindo golpe após golpe.” (WILDE, 1988, p. 193). O retrato, todo transfigurado, reflete as modificações de caráter de Dorian e o mesmo tenta ocultá-lo da sociedade, há o medo do repúdio, o que não se encaixa nos padrões sociais, é visto como anormal.

Como cita Ariès (1977, p. 37) “no espelho de sua própria morte, cada homem redescobria o segredo de sua individualidade.”, percebemos assim como Dorian negou a sua própria subjetivação, por fim negou os dogmas sociais e depois negou a si mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D.M. de. *História a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ARIES, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Traduzido por: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BARBOSA, N. L. P. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História. In: _____. SARGENTINI, V.; BARBOSA, N. L. P. (org.). *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 97-130.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

FERNANDES, C. A. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FISCHER, R. M. B. *Foucault e o desejável conhecimento do sujeito*. Educação & Realidade. Porto Alegre, 1999.

FREITAS, Aline Silvério de. Discurso literário e a constituição do sujeito personagem Dorian Gray. In: SANTOS, E. J. dos; SILVA, S. C. da. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n. 1, p. 84-97, 2014.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. *As palavras e as coisas*. Portugal: Lisboa, 1967.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

_____. O que é um autor? (1969) In: *Ditos e Escritos – Estética: literatura e pintura; música e cinema*. v.3. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

_____. "O sujeito e o poder". In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. Michel *Foucault uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

MAINGUENEAU, D. *Discurso Literário*. Tradução Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

PÊCHEUX, M. *O Discurso - estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2^a ed, 1997.

ROLLEMBERG, M. Morte e redenção do dândi. *Revista Cult*. Ano IV, n° 40, 2000. p.49-63.

WILDE, O. *O Retrato de Dorian Gray*. Tradução José Maria Machado. 2. ed. São Paulo: Clube do Livro, 1988.

ZACARIAS, G.F. Orgulho e desigualdade. *História Viva*, Grandes Temas. n°16. São Paulo: Duetto, p. 52-57, 2006.